

PRISCILA DÓREA

Unindo urbanismo, justiça social e direitos humanos, pesquisadores alertam sobre o conceito de mobilidade antirracista, que propõe repensar como o racismo estrutural afeta o direito de ir e vir - especialmente para pessoas negras, periféricas e marginalizadas.

O conceito sugere um planejamento urbano com participação popular negra, tarifa zero ou subsídios para vulneráveis e a descentralização de serviços para reduzir viagens longas, pautas que coletivos como o Observatório da Mobilidade Urbana de Salvador (ObMobSSA) busca repensar junto à sociedade e assim alcançar um transporte igual para todos.

"Me movimento pela cidade através do transporte público e o que posso ver é que o serviço prestado nos bairros periféricos de Salvador é totalmente diferente do centro da cidade", relata o servidor público Jailson Reis de Carvalho.

Enquanto os ônibus que servem a Suburbana são velhos e sujos, "e estão sempre atrasados", ele afirma, os ônibus de outras áreas da cidade são novos, com ar-condicionado, Wi-Fi, segurança e horários regulares - a exemplo do sistema BRT, mas não limitado a ele. "Deixando claro para mim que o transporte público de Salvador é racista", afirma Jailson categórico.

O servidor aponta para a constante retirada de linhas de ônibus para "abastecer o BRT e o metrô", faz com que a população de bairros periféricos do Subúrbio Ferroviário, por exemplo, fique desassistida, dependendo de baldeações que aumentam o tempo e a distância dos trajetos feitos, muitas vezes, para seus locais de trabalho.

"Dificulta a vida, principalmente, de pessoas com deficiência como eu, deixando os trajetos exaustivos, quando tudo que todos nós queremos é um transporte humanizado", afirma Jailson, que é cadeirante desde os três anos por causa da poliomielite.

Doutor em arquitetura e urbanismo, Daniel Caribé explica que o que conecta os bairros de classe média aos bairros periféricos de Salvador são duas coisas: a necessidade de mão de obra e o transporte público.

"É graças ao transporte público, contraditoriamente, que a gente consegue man-

CONCEITO Coletivos na Bahia abrem debate com a sociedade para alcançar transporte mais igual

Tarifa justa, segurança e acesso são desafios da mobilidade antirracista

Raphael Muller / Ag. A TARDE



O cadeirante Jailson Reis, junto com Marcio Maltez, mostra um dos desafios: o acesso ao ponto de ônibus, em Campinas de Pirajá

ter uma cidade segregada. É daí que vem o caráter racista do transporte público em si, mas a mobilidade urbana não é só isso. Ela envolve acessibilidade, caminhadas, bicicletas e veículos particulares, e podemos encontrar racismo em todos eles", aponta Daniel.

Serviço nos bairros periféricos é diferente do que há no Centro

Tema em debate

Daniel Caribé é membro do ObMobSSA e do Instituto Equicidades, organizadores da Semana da Mobilidade Antirracista, que teve início na última ontem, na Uneb, e segue até a próxima quinta-feira, com palestras e cursos acontecendo também na

Debate propõe repensar como o racismo estrutural afeta o direito de ir e vir

Ufba e na Câmara Municipal de Salvador - confira a programação no www.obmob-salvador.org.

Segundo ele, levar o assunto para ser discutido com a população, sobretudo dentro de universidades, é essencial pois o racismo ligado à mobilidade urbana é um assunto facilmente engolido por outros debates (também necessários) em torno da mobilidade, como greves, paralisações e aumento de tarifa, além de mudanças nos modais.

Um dos convidados do evento é o mestre em antropologia, Paique Santarém, também doutor em arquitetura e urbanismo. Um dos pesquisadores que, jun-

to a Daniel Caribé, publicou o livro "Mobilidade Antirracista", Paique explica que a importância de discutir esse assunto está em tirar do óbvio os debates sobre racismo e mobilidade, assim como tirar da invisibilidade o debate desses dois assuntos juntos.

"Se a gente fala que toda a nossa sociedade tem problemas com as relações sociais, de classe e de gênero, vale a pena a gente entender como isso está presente nas instituições. Presente em todas elas, desde a saúde até a mobilidade. Trazer isso para a universidade ajuda a decidir, entender e buscar soluções", afirma.

Negro, periférico e motorista do setor público, Már-

cio Antônio Prudente Maltez usa ônibus e metrô para se movimentar em Salvador, onde ele acredita que seria possível, por exemplo, implantar a Tarifa Zero (transporte gratuito), que já é realidade em cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Ceará.

"Isso faria muita diferença. A sociedade civil precisa debater mais sobre um transporte público antirracista. A população precisa debater, dar sua opinião e demonstrar sua insatisfação com a qualidade do serviço de transporte público, que hoje é caótico e não esconde a diferença que é pegar um ônibus na periferia e nos bairros nobres", afirma Márcio.

NOVA IDENTIDADE

SAC inicia atendimento por ordem de chegada

JACKSON SOUZA*

Pescador no município de Maragogipe, Robson Batista veio ontem pela manhã para Salvador com a esposa e a cunhada para fazerem a nova Carteira de Identidade Nacional (CIN), por dificuldades no agendamento pela internet no município em que vivem. Isso só foi possível porque, desde ontem, a Rede SAC passou a fazer também o atendimento por demanda espontânea em 10 das 91 unidades no Estado, o que permitiu que a família conseguisse atendimento no mesmo dia.

"Tentei (agendar pela internet), baixei o aplicativo e nada de conseguir agendar aqui eu consegui", afirmou Robson.

Em todo o estado, os 10 locais, entre Pontos e Postos SAC, que passaram a atender também através da nova modalidade são, em Salvador os postos do Comércio e

A Rede SAC passou a fazer também o atendimento por demanda espontânea em 10 das 91 unidades no estado

Pituaçu, que passam a fazer o atendimento na capital a partir das 11h, sem agendamento, e o posto Barra a partir das 12h.

No interior, os postos de atendimento em três municípios funcionam no mesmo esquema a partir das 11h, em Alagoinhas, Barreiras e Ilhéus. Antes desse horário todos os locais citados aten-

derão somente por agendamento.

Já os Pontos SAC Cocos, Ipiaú, Pilão Arcado e Santo Estevão atenderão durante todo o dia na nova modalidade. A iniciativa é um projeto-piloto que vem atende à demanda da população, já que muitos usuários relatam dificuldades para conseguir horários disponíveis

para agendamento pela internet.

"A gente tem orientado bastante que o cidadão não precisa, nesse primeiro momento, vir fazer o documento caso não necessite, e percebemos que muita gente chega aos Postos SAC com o documento do RG, modelo antigo, novo, (...) então a gente entende que as pessoas

estão buscando não por uma necessidade, mas por um desejo de ter um documento novo", afirmou Cecília Pereira, coordenadora da Rede SAC.

Emissão gratuita

A CIN substituirá o RG progressivamente até 2032, e usa o CPF como número único para evitar fraudes, sendo pos-

Processo de coleta de dados para a carteira de identidade

sível agora a inclusão de outros documentos como Carteira de Trabalho, Carteira Nacional de Habilitação (CNH), e o título de eleitor. Além de condições de saúde como tipo sanguíneo, fator RH, deficiência auditiva, visual, física e intelectual. Para o pedido do novo documento é necessário que o cidadão apresente a certidão original de nascimento ou casamento.

Na Bahia, segundo os dados disponíveis, até julho deste ano 1,03 milhão de pessoas haviam emitido a CIN. O RG, ainda usado pela grande maioria da população, é válido até fevereiro de 2032. O documento, independente da data que seja feito, continuará tendo sua emissão gratuita, reforça a coordenadora, em meio a rumores que circulam de que o documento passaria a ser cobrado já na primeira via.

*SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA ISABEL VILLELA



Uendel Galter / Ag. A TARDE